



Quando a realidade vira literatura: o jornalismo literário na reportagem *Um país chamado Brasilândia*, de Eliane Brum¹

Diélen dos Reis Borges ALMEIDA²

Gerson de SOUSA³

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG

Resumo

A pesquisa relatada neste artigo investiga como o jornalismo literário é utilizado para pautar temas e sujeitos “invisíveis” no jornalismo convencional e na sociedade. O *corpus* selecionado é a reportagem *Um país chamado Brasilândia* do livro-reportagem *O olho da rua*, de Eliane Brum. A metodologia utilizada é a análise do discurso, a fim de observar a construção discursiva dos sujeitos envolvidos na produção jornalística: jornalista e fontes. Conclui que o texto jornalístico literário de Eliane Brum concede visibilidade aos excluídos, por meio de uma construção discursiva do sujeito em oposição ao outro.

Palavras-chave: jornalismo literário; (in)visibilidade midiática; Eliane Brum; O Olho da Rua.

1 Introdução

O jornalismo é a narrativa da vida real presente. Paradoxalmente, conforme seus manuais, o jornalismo deve ser objetivo e imparcial ao abordar essa complexidade chamada realidade. Talvez, porém, seja preciso um pouco de literatura para dar conta da realidade. O jornalismo literário ascende como perspectiva de um retrato do cotidiano com os requintes que lhe cabem.

A partir da hipótese de que o jornalismo literário concede maior visibilidade a temas e sujeitos “invisíveis” no jornalismo convencional e, conseqüentemente, na sociedade, realizamos este estudo: selecionamos a reportagem *Um país chamado Brasilândia*, do livro-reportagem *O olho da rua*, de Eliane Brum, para verificar, por meio da análise do discurso, como esses temas e sujeitos são abordados. Por visibilidade midiática, entendemos o ato de tornar público um conteúdo noticioso; por maior visibilidade, que isso ocorra de maneira profundamente apurada e cuidadosamente relatada. Não propomos a quantificação da recepção.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 19 a 21 de junho de 2015.

² Jornalista e mestra em Tecnologias, Comunicação e Educação pela Universidade Federal de Uberlândia, email: dielenrb@yahoo.com.br.

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social: habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), email: g.sousa1971@hotmail.com.



Esta pesquisa é justificável, no âmbito científico, por contribuir com os estudos relacionados ao jornalismo literário, um gênero que envolve as Letras e a Comunicação. No mercado editorial, vem ganhando admiradores e espaço nos últimos anos. O escritor Tom Wolfe (2005, p.8) considera que “a Literatura mais importante escrita hoje na América é de não-ficção”. A Companhia das Letras lançou, em 2002, uma coleção intitulada *Jornalismo Literário* que reúne célebres textos, como: *A sangue frio*, de Truman Capote; *Hiroshima*, de John Hersey; e *A milésima segunda noite da Avenida Paulista*, de Joel Silveira. No mesmo ano, os jornalistas Edvaldo Pereira Lima, Sergio Vilas Boas e outros criaram a Academia Brasileira de Jornalismo Literário, que oferece cursos de pós-graduação na área. Em 2006, o documentarista João Moreira Salles e o jornalista Luiz Schwarcz lançaram a revista *piuí*, que se configura, hoje, como referência em JL no Brasil. Na esfera da cidadania, este estudo se justifica por tratar da (in)visibilidade midiática de indivíduos e temas excluídos da agenda de preocupações da sociedade. Avançar nas pesquisas sobre jornalismo literário é colaborar para que este modo de fazer jornalismo seja bem compreendido por pesquisadores e profissionais da área, para que possam enxergar a possibilidade de informar rompendo técnicas dos textos pré-moldados.

Nosso objetivo geral é investigar se o jornalismo é capaz de dar maior visibilidade aos indivíduos e temas excluídos da mídia comum e da sociedade. Os objetivos específicos são: evidenciar as características do jornalismo literário; verificar se e como o JL aborda temas diferentes dos que geralmente são pautados no jornalismo convencional; averiguar a presença (ou não), no JL, do discurso de indivíduos socioeconomicamente excluídos; pesquisar se existem e quais são os instrumentos que o JL utiliza para dar visibilidade a indivíduos e temas excluídos da grande mídia; analisar quais são os temas e sujeitos abordados na reportagem *Um país chamado Brasilândia* examinar quais são as ferramentas utilizadas neste livro para evidenciar temas e indivíduos excluídos da mídia comum; refletir se o JL, ao supostamente dar visibilidade a temas excluídos da grande mídia, é capaz de contribuir para a inserção desses temas na agenda de preocupações da sociedade.

2 Jornalismo literário e livro reportagem

O jornalismo literário, também chamado de literatura de não ficção e de jornalismo narrativo, é uma especialista ou estilo jornalístico que utiliza as técnicas da literatura para relatar a realidade. Conforme Felipe Pena, jornalismo literário:



Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2006, p. 13).

As obras Truman Capote, Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer, Joseph Mitchel, John Hersey, Euclides da Cunha, Eliane Brum e Roberto Freire são exemplares desse tipo de jornalismo. Nem todos, porém, concordam com o nome jornalismo literário. Brum receia que o adjetivo provoque distorções de sentido no substantivo:

Por um lado, acho curiosa a necessidade de atribuir ao texto jornalístico qualidades “literárias”, como se, ao deparar com um bom texto jornalístico, fosse preciso “promovê-lo” a algo mais elevado. Por outro, ao classificarmos um texto como literário podemos induzir à interpretação de que os detalhes da narrativa são ficcionais – resultado da imaginação e não de uma apuração exaustiva. (BRUM, 2006a).

Polêmicas à parte, adotamos neste trabalho o termo encontrado com maior frequência: jornalismo literário, sem a pretensão de reduzir ou ampliar o jornalismo. E é de Eliane Brum a obra que selecionamos para análise, o livro-reportagem *O Olho da Rua*, que traz uma promessa na capa: “uma repórter em busca da literatura da vida real”. Na apresentação da obra, a autora explica sua maneira de fazer jornalismo:

Exerço o jornalismo sentindo em cada vértebra o peso da responsabilidade de registrar a história do presente, a história acontecendo. Por isso, exerço com rigor, em busca da precisão e com respeito à palavra exata. Mas também com a certeza de que a realidade é complexa e composta não apenas de palavras. É feita de texturas, cheiros, nuances e silêncios. (BRUM, 2008, p.14).

O livro-reportagem, segundo Belo (2006), é um gênero jornalístico que rompe os limites do jornalismo diário e mergulha profundamente em fatos, personagens e situações, por vezes, com abordagens criativas e originais. Conforme Lima (2009), “o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos”. É, ao mesmo tempo, uma reportagem grande e uma grande reportagem. Como reportagem grande, precisa fisgar o leitor nas primeiras linhas e fidelizá-lo até a página final. Como grande reportagem, precisa ser profunda, como almeja o jornalismo literário.



3 Análise do discurso

“Como apareceu um determinado enunciado e não outro em seu lugar?”, pergunta Michel Foucault (2008, p. 30). Analisar as construções ideológicas na linguagem em curso e o que ela revela constitui a chamada análise do discurso (AD). A AD de linha francesa – com a qual trabalhamos – surgiu na década de 1960 e não se detém a um estudo puramente linguístico. Considera os aspectos externos à língua:

além do contexto imediato da situação de comunicação, compreendem os elementos históricos, sociais, culturais, ideológicos, que cercam a produção de um discurso e nele se refletem. Considera-se o espaço que esse discurso ocupa em relação a outros discursos produzidos e que circulam na sociedade. (BRANDÃO, 2012, p.20-21).

O discurso não é língua, fala ou texto, embora precise de elementos linguísticos para existir materialmente. É exterior à língua, encontra-se no social, refere-se “a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas” (FERNANDES, 2008, p. 13). É um exercício de análise da construção de sentidos.

Compreender a realidade pelo discurso requer conceitos como *ideologia*: “uma concepção de mundo do sujeito inscrito em determinado grupo social em uma circunstância histórica”, que se materializa na linguagem (FERNANDES, 2008, p. 21). Os aspectos ideológicos, históricos e sociais que envolvem o discurso são suas *condições de produção*:

[...] conjunto dos elementos que cerca a produção de um discurso. No sentido mais estrito, diz respeito à situação de enunciação que compreende o eu-aqui-agora; num sentido mais amplo, compreende o contexto sócio-histórico-ideológico que envolve os interlocutores, o lugar de onde falam, a imagem que fazem de si, do outro e do objeto que estão tratando. (BRANDÃO, 2012, p. 22-23).

Condições de produção específicas determinam uma *formação discursiva*, referente ao que pode ser dito apenas em uma determinada época e espaço social. “Trata-se da possibilidade de explicitar como cada enunciado tem o seu lugar e sua regra de aparição, e como as estratégias que o engendram derivam de um mesmo jogo de relações, como um dizer tem espaço em um lugar e em uma época específica” (FERNANDES, 2008, p.48-49). A formação discursiva relaciona-se diretamente à *formação ideológica*, o “conjunto complexo de atividades e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente às posições de classes em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX; FUCHS, 1990, p.



166 *apud* FERNANDES, 2008, p.49) e “têm a ver com as relações de poder que se estabelecem entre os indivíduos e que são expressas quando interagem entre si” (BRANDÃO, 2012, p.23).

Inserido nessas formações discursiva e ideológica, o *sujeito* se constitui marcado pela historicidade, pela relação identidade/alteridade e pela interação eu/outro. A capacidade de o locutor se propor como sujeito do seu discurso é chamada de *subjetividade*. O sujeito situa-se em um contexto sócio-histórico e “divide o espaço de seu discurso com o outro, na medida em que na atividade enunciativa, orienta, planeja, ajusta sua fala tendo em vista um interlocutor real, e também porque dialoga com a fala de outros sujeitos, de outros momentos históricos, em um nível interdiscursivo” (BRANDÃO, 2012, p.26).

O sujeito discursivo compõe-se de diferentes vozes com origens em outros espaços sociais, característica nomeada de *polifonia*, e a presença dessas vozes confere ao sujeito a *heterogeneidade*, a qual pode ser mostrada, quando a presença de outras vozes é explícita no discurso, ou não-mostrada, quando as vozes estão implícitas (FERNANDES, 2009). O dialogismo é princípio básico da linguagem, na concepção de Bakhtin, que propõe um sujeito social – nós – constituído na multiplicidade e na *interação* do “eu” com o “outro”.

As noções de interdiscurso, ideologia e formação discursiva, “encapam” o não-dizer. “Consideramos que há sempre no dizer um não-dizer necessário. Quando se diz ‘x’, o não-dito ‘y’ permanece como uma relação de sentido que informa o dizer de ‘x’” (ORLANDI, 2001, p.82). O discurso é feito, inclusive, de silêncio.

4 (In)visibilidade midiática

Que histórias são construídas e contadas por homens e mulheres comuns? Quais ideologias se manifestam em seus discursos? O jornalismo literário lança luz sobre esses invisíveis? Como? Essas questões permearam nossa análise da reportagem *Um país chamado Brasilândia*, cuja autora problematiza:

Eu conto a história cotidiana, das pessoas, dos homens e das mulheres que constroem o país, mas que em geral não são ouvidos, não têm sua história contada. Eles são a maioria, mas é como se eles não existissem, porque as pessoas que são notícias são outras. Então, a minha provocação, com os invisíveis, quando eu digo que sou uma repórter de desastrosos, é uma provocação de o que e quem é notícia, pelo Jornalismo tradicional. (BRUM *apud* BAZZO, 2011, p.69).



Na busca por olhar de maneira insubordinada a realidade, Eliane Brum e outros escritores de jornalismo literário pautam o homem comum e o cotidiano, conceituado por José de Souza Martins, pesquisador que argumenta a favor de que a compreensão da realidade passe pela visão do periférico, embora isso seja um desafio:

De um lado, o herói deste enredo é o homem comum, fragmentado, divorciado de si mesmo e de sua obra, mas obstinado no seu propósito de mudar a vida, de fazer História, ainda que pelos tortuosos caminhos de sua alienação e de seus desencontros, os difíceis caminhos cotidianos da vida. De outro lado, a complexidade do problema está no modo anômalo e inacabado como a modernidade se propõe num país como o Brasil e na realidade descompassada desta nossa América Latina. Nosso enigma é hoje o enigma da captura desse homem comum pelos mecanismos de estranhamento de uma cotidianidade que exacerba a mutilação de nosso relacionamento com nossas possibilidades históricas e mutila a compreensão dos limites que cada momento histórico nos propõe. (MARTINS, J. S., 2000, p.12).

A ideia é que o todo concreto só pode ser explicado pelo insignificante que reside nos extremos. Paradoxalmente, os simples exigem explicação científica mais consistente: “O relevante está também no ínfimo. É na vida cotidiana que a História se desvenda ou se oculta.” (MARTINS, J. S., 2000, p.13). A vida cotidiana é o ponto de referência para as novas esperanças da sociedade e o homem comum é o novo herói, pois neste mundo habitam vontades individuais que fazem a força dos movimentos sociais (MARTINS, J. S.).

Homens e mulheres simples estão n’*O olho da rua*: parteiras, velhos, garimpeiros, desempregados, merendeiras e outros “invisíveis” são protagonistas das reportagens, o que não é regra no contexto midiático, é exceção:

O discurso da imprensa não favorece os grupos étnicos minoritários, antes ele opera, contribuindo, a seu modo, para o fortalecimento e a reprodução do racismo, na medida em que exclui ou minimiza a visibilidade desses grupos na cena pública, não prioriza questões de interesse dessas minorias ou vincula-os sistematicamente à falta de instrução, à pobreza, à violência, à perturbação da ordem etc. Sendo a mídia em geral e a imprensa em particular uma arena de luta política de primeira grandeza, as minorias estão em desvantagem no processo de participação política. (MARTINS, N., 2006, p.5).

Diante da necessidade de se compreender o real por meio do conhecimento do homem simples e de seu cotidiano, num contexto em que eles estão invisíveis na mídia massiva, acreditamos que o jornalismo literário pode revelá-lo na sua complexidade.



5 Eliane Brum e a busca pela literatura da vida real

A matéria jornalística é pensada, buscada e ganha forma nas mãos de sujeitos que, como todos os outros, têm história, memória, valores e cultura. Refletir sobre a produção de um jornalista é pensar também o sujeito que produz: quem é, de onde vem, para onde vai? Eliane Brum nasceu em Ijuí (RS), em 1966. Com nove anos, começou a escrever “para suportar/elaborar a dor de viver” (BRUM, 2010). O pai reuniu os escritos da filha e os transformou no livro *Gotas da Minha Infância* quando ela tinha 11 anos. Incomodada com a exposição de suas “vísceras”, a menina parou de escrever, mas voltou na adolescência. A produção de texto foi interrompida mais uma vez quando ela foi mãe – aos 15 anos. A filha estava com dois anos quando Eliane Brum teve de se mudar para Porto Alegre para estudar Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica (PUC/RS). Quatro anos depois, a jornalista recém-formada buscou a filha que estava com os avós e começou a vida de “foca”.

Vivi momentos duríssimos. [...] Às 5h30 da manhã acordava minha filha e pegávamos dois ônibus até a escola. Às vezes eu tinha de colocá-la por cima do muro, porque precisava pegar mais três ônibus para ir até o jornal, onde eu começava às 8h. Ela ficava lá, sozinha, com seis anos. [...] Eu não tinha família em Porto Alegre. Éramos só nós duas. Mas o que eu vivi é o que a maioria das mulheres de periferia vive. (BRUM, 2010).

Esteve a ponto de desistir da faculdade de Jornalismo, mas o professor Marques Leonan a convenceu de era “a melhor profissão do mundo”. Conquistou um estágio no jornal Zero Hora, onde trabalhou por 11 anos. Em 2000, foi para São Paulo ser repórter da revista *Época* e chegou ao cargo de editora e, até 2013, colunista. Atualmente, tem uma coluna no site do jornal espanhol *El País*, além de produções independentes. Publicou quatro livros-reportagem – *Coluna Prestes: o avesso da lenda; A vida que ninguém vê; O olho da Rua; e A menina quebrada* –; é coautora do livro *Dignidade!*, sobre a organização Médicos Sem Fronteiras; codirigiu dois documentários, *Uma história Severina* e *Gretchen Filme Estrada*, e escreveu o romance de ficção *Uma Duas*. Já recebeu mais 40 prêmios.

O olhar e a escuta são defendidos pela repórter como os requisitos mais importantes de uma reportagem, a qual deve ser o contrário da tese – quando o jornalista sai pronto para a rua, apenas para confirmar a pauta. Brum (2011) admite a influência da psicanálise e afirma que o jeito mais cretino de ver os outros é ver só os estereótipos, uma vez que “todas as vidas são igualmente diferentes”. As histórias de gente comum



são suas melhores pautas, numa atitude oposta ao jornalismo clássico: “o que a rotina faz com a gente é encobrir essa verdade, fazendo com que o milagre do que cada vida é se torne banal” (BRUM, 2006b, p.187). O olhar insubordinado só pode ser lançado quando se mergulha na realidade:

Se o telefone e a internet são invenções geniais, não há tecnologia capaz de tornar obsoleto o encontro entre um repórter e o seu personagem. Se isso acontece, é por distorção. Esse olhar que olha pra ver, que se recusa a ser enganado pela banalidade e que desconfia do óbvio é o primeiro instrumento de trabalho do repórter. Só pode ser exercido sem a mediação de máquinas. (BRUM, 2006b, p.190).

Numa crítica ao ofício do repórter, Brum declara que parte do jornalismo tem sido tanto vítima e quanto cúmplice de uma verborragia, uma excessiva valorização da palavra dita. “O jornalista é reduzido a um compilador de monólogos, a um aplicador de aspas em série. [...] O dito é, muitas vezes, tão importante quanto o não dito. [...] Metade (talvez menos) de uma reportagem é o dito, a outra metade o percebido” (BRUM, 2006b, p.191). No acervo literário de Eliane Brum, escolhemos *O Olho da Rua* para leitura mais atenta.

5 O discurso na reportagem *Um país chamado Brasilândia*

O olho pichado no muro velho, na capa de *O olho da rua*, é um forte indício do que o leitor encontra nas 422 páginas: a vida pelo olhar de gente comum, pobre, velha, da rua. A jornalista é gente na rua. O olhar dela, em suas próprias palavras, é o “olhar insubordinado”, aberto como o da capa do livro. Em vermelho, o subtítulo promete: “uma repórter em busca da literatura da vida real”, que nos interessa nesta pesquisa.

A coletânea traz dez reportagens publicadas na revista *Época* nos anos 2000. Depois de cada matéria, há um texto inédito em que a repórter revela bastidores da apuração, reflete sobre seus erros e analisa o jornalismo como profissão. Trata-se, pois, de um livro-reportagem-antologia, que:

Cumpra a tarefa de reunir reportagens agrupadas sob os mais distintos critérios, previamente publicadas na imprensa cotidiana ou até mesmo em outros livros. Podem ser as reportagens, sobre os mais diferentes temas, [...] mas que têm em comum um gênero jornalístico ou uma categoria de prática do Jornalismo. (LIMA, 2009, p.57).

Os protagonistas das histórias contadas em *O olho da rua* são invisíveis para o jornalismo convencional: velhos asilados, índios ameaçados, mas, no caso da



reportagem *Um país chamado Brasilândia*, a invisibilidade é relativa. A noticiabilidade da pauta deveu-se ao fato de a favela da Brasilândia ter se tornado cenário de filme e de série da Globo – ambos intitulados *Antônia*. A repórter propõe que o seu lugar de enunciação será o de estrangeira, “para manter o olhar de espanto, necessário para ver uma camada além do óbvio” (BRUM, 2008, p. 302).

O lugar de onde falam as fontes é a favela, espaço marcado ao longo da história pelo paradoxo de estar geograficamente ao lado, mas socialmente oposto à sociedade oficial. Nas circunstâncias em que se deu esta apuração jornalística, a camada de invisibilidade da comunidade estava mais tênue, com as gravações que tiveram a Brasilândia como pano de fundo. Mas a efemeridade da agenda midiática pouco pode fazer contra o ranço da história.

Se as gravações influenciaram a revista *Época* a deslocar para a favela sua jornalista, o discurso dela pouco se entrecruzou com o das produções televisiva e cinematográfica. A heterogeneidade discursiva é atravessada por outras referências, como Caetano Veloso, no trecho da reportagem que explica a origem da Brasilândia.

A vila já surgiu como um país de desterro. Há mais de sessenta anos alguma coisa aconteceu no cruzamento da Ipiranga com a Avenida São João. Seus moradores foram expulsos do centro para que a esquina antológica da música “Sampa”, de Caetano Veloso, se tornasse mais larga. Forjaram a Brasilândia sobre velhos sítios e muita mata virgem. (BRUM, 2008, p. 287).

A formação ideológica da jornalista fica marcada na tese da sua reportagem: “os cadáveres são expostos, o que se oculta é a delicadeza” (BRUM, 2008, p. 286). Por um lado, reconhece o contexto de violência que assombra a favela e não é invisível, nem para a mídia nem para a sociedade. Por outro, defende que a camada de invisibilidade está ali e o que ela oculta é o que mantém os sujeitos vivos, felizes até, apesar de tudo: “Para além da violência, a força das paixões humanas rompe – liquefaz – a dureza do cotidiano de concreto” (BRUM, 2008, p. 286).

O lugar discursivo de Eliane Brum está marcado nesta reportagem, sem censura à sua primeira pessoa. O “eu” explícito conta sobre a casa em que se hospedou, a cama em que dormiu, o casamento em que foi madrinha substituta, e compara o contexto que está sendo apurado com o que ela própria vivencia: a favela é um lugar mais seguro para se viver do que o restante da cidade.



A reportagem é de 12 de fevereiro de 2007. Oito anos depois, as favelas ganharam ainda mais visibilidade, com as “pacificações”, e se tornaram cenário de outras produções audiovisuais. Em 2007, Brum alertava sobre essa suposta inclusão:

São cada vez mais assíduas as incursões culturais à periferia. Algumas favelas viraram também atração turística, mas esse cartão postal para gringo ver, falsamente domado, é enganoso. O que se passa na periferia urbana ainda é tão distante do Brasil do centro que parece outra geografia. E a classe média continua a temer quem vive lá como se fosse uma horda de bárbaros disposta a descer a ladeira. Nesse sentido, a Brasilândia é tão distante de São Paulo quanto a Amazônia. (BRUM, 2008, p. 286-287)

Nesse lugar ainda apartado, são produzidos os discursos das fontes, cujos traços mais marcantes identificados pelo olhar da repórter são: a solidariedade, a paixão e a proximidade com os cachorros. O texto abre com o primeiro contato entre Eliane Brum e aquela que, para além de fonte, seria sua anfitriã na favela:

Se a cinza do cachimbo ficar preta, está tudo perdido. Se for branca, esta reportagem sai. Dona Eugênia, 76 anos, pita ao meu redor. O teste, segundo ela, tem 100% de acerto. O Preto Velho sussurra coisas no seu ouvido, diz. Coisas que acontecem. Desde menina ela tem essa voz rouca de homem no cangote. Benzedeira e cartomante, dona Eugênia empunha uns olhos agudos, de raio X. Então, ela olha para a cinza. E olha para mim. E olha para a cinza. “Ficou branca”, diz ela. “Energia boa”. Só então dona Eugênia abre as portas da Brasilândia, do coração e da casa. (BRUM, 2008, p. 285)

O discurso de Dona Eugênia é atravessado pela religiosidade. Mais adiante, conforme avança a narrativa jornalística, outras enunciações revelam a sua necessidade de mostrar que a pobreza não impede a sua dignidade, simbolizada pela mesa farta.

Traço comum na Brasilândia – embora raro fora das comunidades – é a proximidade entre os sujeitos: física, nas construções que se amontoam e formam os “complexos arquitetônicos familiares” (expressão que Eliane Brum credits à cineasta Tata Amaral), e nas relações. O clímax da solidariedade acontece na narração do casamento de Adriana e Luizinho, feito no cartório e com festa, e tendo os noivos um lugar para morar com o filho que já estava no ventre. Conquistas possibilitadas pela mobilização de familiares e vizinhos: “Não seria por falta de dinheiro que ficariam sem festa de casamento. Amasamento a mãe da moça já havia avisado que nem pensar. Luizinho entraria no cartório com pé direito, nem que fosse com sapato emprestado.” (BRUM, 2008, p.293).



Essa formação ideológica que preza a ideia de público tem um porém, “uma regra explícita de convivência na periferia: o que cada um faz para ganhar a vida é tema privado” (BRUM, 2008, p.292). Paradoxalmente, os sujeitos mantêm valores como casamento e adimplência, mas convivem com o crime sem espia-lo, julgá-lo e condená-lo. Tuca cuida para manter o nome limpo e está convicta da própria identidade, sem se reprovar por vender seus perfumes à “elite local: um clonador de cartões de banco e um gerente do tráfico (BRUM, 2008, p.290)”. Outra circunstância que explicita o paradoxo é o comprovante do jogo do bicho e os dizeres nele publicado, “um primor, todo politicamente correto: ‘Diga não às drogas’” (BRUM, 2008, p.290). A moral própria, de quem vive entre o Estado oficial e o paralelo, tem seu ápice na relação com a polícia:

Num domingo, uma viatura fez uma aparição ostensiva na esquina, bem no meio da rua. Os policiais nem ligaram para o acerto do bicho que acontecia bem em frente, só faltou o apontador sentar no pára-choque do carro de polícia para ficar mais confortável. Depois de meia hora, saíram cantando pneu. O telefone de uma casa próxima tocou na hora. Do outro lado da linha, um senhor muito estimado na Brasa, mas que desenvolve atividades enquadradas pelo Código Penal: “Deu pra ver qual era a delegacia da viatura? Porque se foi a..., essa eu já paguei”. (BRUM, 2008, p. 292)

Os valores não são os mesmos em todos os lugares. A jornalista, com seu olhar propositalmente estrangeiro, descobre na favela que o amor ocupa posição acima do sucesso profissional, bem diferente do que ocorre hoje em outros contextos: “Na Brasilândia se ama muito, com a intensidade de quem coloca o amor acima de todas as aspirações. Não há dilemas classemedianos do tipo – ‘e a minha carreira?’”. Ama-se desbragadamente.” (BRUM, 2008, p.298).

A midiaticização transforma a representação que a sociedade tem da favela? E da favela para a sociedade? “A vila era feia, suja e malvada. Desde que virou locação de filme e seriado da Globo, virou pop.” Ou, como diz Tatá Amaral, diretora de Antonia, o último longa filmado lá, ‘fotogênica’. Encarnou, como resume a cantora Sandra de Sá, a periferia do Brasil.” (BRUM, 2008, p.285-286). O discurso se compõe por uma heterogeneidade mostrada, explicitamente perpassado pelas vozes de Tatá Amaral e Sandra de Sá, e expõe de maneira irônica a mudança simbólica da visão da favela.

Concomitantemente à denúncia que faz da representação preconceituosa que a mídia faz da favela, Eliane Brum firma um compromisso com o leitor de fazer algo diferente: “Esta reportagem mostra o que sempre esteve lá, encoberto pela violência.



Porque esta é também a tragédia da favela: os cadáveres são expostos, o que se oculta é a delicadeza.” (BRUM, 2008, p.286).

Na interação com o “outro”, há a oposição entre a Brasilândia e o restante da cidade. Diferentemente das representações tradicionais, a periferia é vista como lugar bom, de pessoas do bem, e o centro da cidade como lugar de frieza e egoísmo. “A Paulista é a cidade do luxo. A Brasilândia é a cidade do povo brasileiro. Na Paulista, ninguém dá nada. Aqui a gente divide. Lá ninguém me vê. Aqui, todos me cumprimentam’, diz Ailton Barroso, referindo-se à avenida onde pulsa o coração de São Paulo.” (BRUM, 2008, p.287). Nessa oposição com o centro, o lugar de criminosos figura como mais seguro, pegando o leitor de surpresa: “Dormimos de porta apenas encostada. É uma ironia que numa cidade tão cheia de medo como São Paulo seja na periferia o lugar onde se pode atravessar a noite sem trancas e amanhecer vivo no dia seguinte.” (BRUM, 2008, p.288). Por fim, o discurso de oposição entre a comunidade e cidade ressalta a solidariedade – ou a falta dela: “A vida de cada um só faz sentido se for compartilhada com a do vizinho. Numa cidade em que as pessoas temem se envolver com estranhos (e até com conhecidos), a periferia é um paradigma de solidariedade.” (BRUM, 2008, p.288).

O sujeito tem ânsia de provar o que é e o que não é. Inserido em condições de produção nas quais desperta no outro a pena ou o medo, eleva a parte boa de sua vida:

Dona Eugênia repete muitas vezes que em sua casa não falta comida e logo no café-da-manhã empilha fatias de queijo e presunto no meu prato. É crucial para ela mostrar que, apesar de pobre, sua casa tem fartura na mesa. E nenhuma preocupação com colesterol e triglicérides. Nada de saladinhas e carnes magras. É uma delícia de feijão, arroz, linguiça e muito molho. Dona Eugênia só fica carrancuda quando descobre que levei um sabonete. Então eu acho que não tem sabonete na casa dela? (BRUM, 2008, p.288)

A comunidade se ergue sobre alguns conflitos ideológicos entre o lícito e o ilícito, o moral e o imoral, o certo e o errado. “O comprovante do bicho é um primor, todo politicamente correto: ‘Diga não às drogas’.” (BRUM, 2008, p.290). Desenvolve-se uma ética interna, ilustrada pela história de Tuca, trabalhadora pobre que vende perfumes para a elite local: clonador de cartões e gerente do tráfico. “Tuca se esfalfa para pagar as contas em dia e manter o nome limpo, mas não escolhe freguês. Essa é uma regra explícita de convivência na periferia: o que cada um faz para ganhar a vida é tema privado. Todo o resto é assunto público.” (BRUM, 2008, p.292).



Convive-se com o tráfico, valoriza-se a moral: virgindade e ausência dos vícios. “[...] a vizinhança mobilizou-se. A moça era virgem, o noivo não fuma nem bebe. Não seria por falta de dinheiro que ficariam sem festa de casamento.” (BRUM, 2008, p.293). Um dos casos mais significativos de subjetividade da jornalista ocorre nesta matéria, quando falta madrinha com documento para assinar o registro no cartório e Eliane Brum a substitui. Sem prender-se a normas de comportamento jornalístico, a repórter participa do fato e conta para o leitor o que fez.

Ao ver os invisíveis da Brasilândia, descobrem-se prioridades diferentes: “Na Brasilândia se ama muito, com a intensidade de quem coloca o amor acima de todas as aspirações. Não há dilemas classemedianos do tipo – ‘e a minha carreira?’. Ama-se desbragadamente.” (BRUM, 2008, p.296). Mas qual o referencial de carreira desses sujeitos? Algo que vale menos energia que a empregada nas relações.

Mas nem tudo é contraste entre a vila e a cidade. Assim como na quase xará Brasília, na Brasilândia o poder tem privilégios, especialmente a impunidade: “Os moradores se revoltam, mas, como muita gente de Brasília, Requenguela fica impune: tem as quatro patas apoiadas no privilégio de ser o cachorro de um dos homens mais poderosos da Brasilândia” (BRUM, 2008, p.299). Em um lugar onde os sujeitos se constroem discursivamente por meio da oposição a outros sujeitos cujo lugar geográfico e social é diferente, a condição humana é compreendida na metáfora da vida animal.

6 Considerações finais

A análise do discurso da reportagem *Um país chamado Brasilândia* nos levou à confirmação da hipótese de que o jornalismo literário confere maior visibilidade midiática a temas e indivíduos excluídos do jornalismo convencional e, por conseguinte, da agenda de preocupações da sociedade, e o faz por meio de uma apuração aprofundada, com espaço para o discurso desses sujeitos, e de uma linguagem mais rica, com recursos da literatura.

A reportagem analisada cumpre as metas do jornalismo literário, por meio de uma apuração profunda, com imersão da repórter no contexto de apuração, que expõe o que é ordinário, reconta histórias conhecidas sob a ótica de personagens que não costumam ser ouvidos, utiliza uma linguagem literária, que abre espaço para descrições, figuras de linguagem e outras técnicas, e evita os definidores primários, pois ouve moradores da favela, diferentes das fontes oficiais mais comuns. Por fim, garante



perenidade e profundidade aos relatos pelo tratamento apurado, que universaliza temas e personagens. Os personagens d’*O Olho da Rua* são sujeitos tão reais que nosso olhar subordinado desacostumou de enxergá-los.

Tratamos, aqui, de algumas dicotomias: realidade/ficção, objetividade/subjetividade, imparcialidade/parcialidade, técnica/dom. A reportagem analisada nos revelou que o jornalismo literário é sobre realidade, mas modifica o real como qualquer tipo de interferência. A decisão de contar a história já é modificá-la. Em seu embate mais direto com o jornalismo convencional, despreza a objetividade e, na figura do jornalista e das suas fontes, constrói um relato subjetivo sobre histórias que são de protagonistas no cotidiano. Refuta o mito da imparcialidade e faz questão de contar isso para o leitor. Pode ser aprendido como técnica, que Brum define como “o olhar e a escuta”, que faz dela narradora observadora.

Quando focamos microscopicamente no discurso, encontramos sujeitos que se definem numa oposição ao outro: favelado *versus* morador da cidade (em *Um país chamado Brasilândia*), roraimense *versus* migrante e velho *versus* novo (em outras reportagens do livro). As fontes diante da jornalista estavam diante do outro. Em sua estratégia de esvaziar-se para encher-se da história do outro, captou essa construção discursiva de suas fontes e a transferiu para o texto. Diante desse discurso, o leitor desacostumado a olhar ou escutar o outro – porque não o faz nem diretamente nem mediado pelo jornalismo – tem dois caminhos: ou se enxerga na oposição ao outro ou se enxerga como o outro. Enxerga o que estava invisível.

O jornalismo literário concede maior visibilidade aos “invisíveis” ao mergulhar profundamente em suas histórias e traduzi-las em uma linguagem em que se permitem as construções criativas, sem o engessamento de pirâmides e *leads*, proporciona ao leitor a visão do outro – que pode, inclusive, ser ele mesmo.

Referências

BAZZO, Gabriela Santos. **Jornalismo dos invisíveis**: os diferenciais no jornalismo de Eliane Brum. 2011. 89 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BRANDÃO, Helena Nagamine. Conceitos e Fundamentos: Enunciação e construção de sentido. In: FIGARO, Roseli (org.). **Comunicação e Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012.

BRUM, Eliane. **A vida que ninguém vê**. 1. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2006b.



_____. Eliane Brum - a colecionadora de prêmios. Entrevistador: Eliane Martins. Rio de Janeiro: **ABI Online**, 05 fev. 2010. Entrevista concedida ao site da Associação Brasileira de Imprensa. Disponível em <<http://www.abi.org.br/paginaindividual.asp?id=3610>>. Acesso em 09 dez. 2012.

_____. O olhar e a escuta: em busca do personagem singular. Oficina ministrada no XVI CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE. São Paulo, 13 mai. 2011.

_____. **O olho da rua**: uma repórter em busca da literatura da vida real. São Paulo: Globo, 2008.

_____. Qual é a do jornalismo literário? **Zero Hora**, Porto Alegre, 28 out. 2006a. Caderno Cultura, p. 7.

FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso**: reflexões introdutórias. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.

MARTINS, André Ricardo Nunes. Imprensa, minorias e análise do discurso – um espaço de construção da democracia. In: **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, vol. 8, 2006/7. Disponível em <<http://seer.bce.unb.br/index.php/les/article/viewArticle/1244>>. Acesso em 20 abr. 2012.

MARTINS, José de Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples**: Cotidiano e História na Modernidade Anômala. São Paulo: Contexto, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso**: princípios e procedimentos. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

WOLFE, Tom. **Radical chique o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.